



O ENSINO DE ARTES E A ENCENAÇÃO TEATRAL NO CONTEXTO ESCOLAR DO IFTO: práticas artísticas em coletivo

JOÃO VÍTOR FERREIRA NUNES

Professor Adjunto da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), atuando nos cursos de Artes (BI e LI). Licenciado em Pedagogia (UNINASSAU), Teatro e Dança (UFRN). Especialista em Consciência Corporal, Saúde e Qualidade de Vida (UFRN), Ensino de Teatro (IFRN) e Artes (UFPel). Mestre (PPGArC UFRN) e Doutor em Artes Cênicas (PPGAC/UDESC).

RESUMO

Neste trabalho, versamos sobre processos educativos desenvolvidos na disciplina de Artes, no contexto escolar do Instituto Federal do Tocantins (IFTO). O texto, de viés ensaístico, contém um relato analítico de uma experiência, de caráter teórico-prático, realizada junto a turmas de adolescentes que cursavam a 1ª série do Ensino Médio, tendo por objetivo desvelar uma experiência de Teatro/Educação Colaborativo, que culminou em processos de Encenação Teatral. Ressalta-se que, antes de alcançar os resultados artísticos, o processo foi pautado por procedimentos do Teatro-jornal, concebido pelo teatrólogo e diretor Augusto Boal. Nas atividades realizadas junto às turmas, foram conduzidas ações voltadas a interações entre os estudantes, suscitando reflexões acerca de temas sociais, como, também, foram observados, no processo criativo, os repertórios de vida dos próprios alunos. Realizaram-se, ao longo do trajeto, jogos teatrais e exercícios voltados a desenvolver a disponibilidade corporal e criativa dos educandos, abrindo, assim, caminhos férteis para que fossem realizados dois processos artísticos, capitaneados pelos textos do dramaturgo Ariano Suassuna, quais sejam: *O Auto da Compadecida* e *O Santo e a Porca*.

PALAVRAS-CHAVE:

Encenação. Processo de Criação. Teatro Colaborativo. Teatro-jornal na Escola.

ARTS TEACHING AND THEATER STATION IN THE IFTO SCHOOL

CONTEXT: *artistic practices in a collective*

ABSTRACT

*In this article, we talk about educational processes developed in the Arts discipline, in the school context of the Federal Institute of Tocantins (IFTO). The work, with an essayistic bias, contains an analytical report of an experience, of a theoretical-practical nature, carried out with groups of teenagers who were in the 1st year of high school, with the aim of unveiling an experience of Collaborative Theatre/Education, which culminated in Theatrical Staging processes. It is noteworthy that before achieving the artistic results, the process was guided by procedures of the Newspaper Theatre, designed by the playwright and director Augusto Boal. In the activities carried out with the classes, actions aimed at interactions between students were carried out, raising reflections on social themes, as well as, in the creative process, the students' own life repertoires were observed. Along the route, theatrical games and exercises were held aimed at developing the corporal and creative availability of students, thus opening fertile paths for two artistic processes to be carried out, led by the texts of playwright Ariano Suassuna, namely: *O Auto da Compadecida* and *O santo e a porca*.*

KEYWORDS:

Staging. Creation Process. Collaborative Theater. New theater at school.



INTRODUÇÃO

Desde 2013 tenho me dedicado a *professorar* em escolas regulares, ministrando aulas de Dança e de Teatro para crianças e adolescentes em ambientes formais da Educação Básica. Contudo, faz-se mister apontar que minhas atuações sempre ocorreram em instituições públicas, ou seja, em escolas do Estado e do Município de Natal, Rio Grande do Norte. De lá para cá, constatei que, não há como negar, a Escola pode nos proporcionar experiências diversas e reveladoras e as trocas ocorrem com quem faz parte daquela realidade, seja direta ou indiretamente.

A partir de minha docência no contexto escolar, notei que esses espaços eram ambientes extremamente dinâmicos, onde os processos de ensino e de aprendizagem ocorrem de forma mútua entre professoras/es, estudantes, funcionários e demais integrantes da comunidade escolar. Nesses mesmos ambientes, vi pessoas com trajetórias, contextos e narrativas diversas, que contribuíram, a seu modo, para a ampliação dos meus repertórios cognitivos, sociais e culturais, e que fizeram verdejar e colorir ainda mais a nossa convivência em coletivo, capitaneada pelo ensino de Artes.

A Educação é algo extremamente significativo na vida de um indivíduo. Digo isto pelo fato de que, quando estamos ministrando as disciplinas de Artes (Artes Visuais, Dança, Teatro, Música, Literatura), essa experiência possibilita trocas que convergem com a individualidade dos sujeitos, possibilitando, assim, o desenvolvimento da criatividade individual e coletiva, chegando também a desvelar sendas para a formação do pensamento crítico-reflexivo acerca da relação Arte/Vida.

Vale dizer que a *experiência*, conforme noção do autor espanhol Jorge Larrosa, em *Tremores* (2017), abre caminhos para inúmeras compreensões das situações que ocorrem em nossas vidas, e aqui serão relacionadas algumas delas, que se deram no contexto escolar do Instituto Federal do Tocantins, Campus Avançado Formoso do Araguaia, e que foram percebidas por mim como docente, quais sejam: autoconhecimento das próprias potencialidades artísticas e criativas; possibilidade de assimilação de conteúdos sociais; compreensão de aspectos culturais; fatores significativos do jogar/trocar com o outro, usando a imaginação e a ludicidade.



Mesmo sem saber, cotidianamente fazemos uso de algumas dessas potencialidades, uma vez que são inerentes a nós, seres humanos. Todavia, através da Arte, de suas práticas e do seu ensino, é possível galgar ainda mais por essas estradas férteis.

Sinto urgência em apontar que, pela primeira vez, dentro de longos 11 anos de dedicação ao ensino de Artes, no período entre 2023 e 2024, tive a oportunidade de lecionar em uma escola da rede federal de ensino como docente substituto. Tal experiência me fez enxergar que outras realidades são possíveis, pois as circunstâncias nessa escola foi diferenciada daquelas a que eu estava habituado, como em escolas estaduais e municipais. Nessas escolas, enfrentamos cotidianamente a ausência de recursos mínimos para o ensino de Artes ocorrer efetivamente, como por exemplo a falta de recursos didático-pedagógicos, também salas de aula com espaços inadequados, nos levando, muitas vezes, a recorrer a outros ambientes, mesmo que barulhentos.

Já na referida escola federal, percebi que tinham salas mais amplas e climatizadas, além de espaços que poderiam ser utilizados para a experiência artística e, assim, cheguei à conclusão de que essa infraestrutura favorece a que os estudantes fiquem mais concentrados e envolvidos em conteúdos, atividades, exercícios, jogos e encenações.

Ao pensar o ensino de Artes no contexto escolar, vale dizer que não parto da perspectiva de que, ao longo desse processo de ensino e de aprendizagem, os estudantes necessitam previamente dominar a cena como um todo, detendo informações sobre processos de encenação, teorias, poéticas, estéticas, dinâmicas, técnicas teatrais que fazem parte da formação profissional de atores/atrizes, diretores e professores de teatro. Mas, sim, de modo oposto, devem levar para essa experiência a sua individualidade, seus repertórios de vida, sua visão de mundo, a sua verdade. Isso faz com que percebam que são singulares, importantes *em* e *com* suas particularidades. Então, que sejam reconhecidos e valorizados nessas experiências por suas potencialidades, atrelando às suas identidades sociais.

Outro fator significativo é que, ao longo do ensino de Artes, é possível aproximar os saberes artísticos com outras áreas do conhecimento, tornando a matéria escolar mais interativa e cheia de correlações. A interdisciplinaridade, posso assim dizer, é essencial para que os estudantes observem a constelação de saberes que abarcam a experimentação com as linguagens ou modalidades artísticas (música, dança, performance, circo, artes visuais, cinema).



A compreensão, por exemplo, da História da Arte cria aproximações inevitáveis com outras áreas do conhecimento. Ou seja, é fundamental friccionar e/ou estabelecer *diálogos*, ao longo do processo, entre os saberes em arte com outros campos do conhecimento, possibilitando que os alunos percebam tais aproximações.

É um traçado importante reconhecer a relação dos processos de criação de textos cênicos (exercícios, cenas, espetáculos) com o estudo da literatura (dramática – peças, roteiros; lírica – poemas, letras de canções; épica ou narrativa – epopeias, romances, contos, crônicas etc.), ou mesmo com o estudo da Língua Portuguesa (produção textual, gramática, oratória), da Filosofia, das Ciências Sociais, da Geografia, da História. Ademais, no processo de criação de textos cênicos, de encenações, os estudantes vivenciam uma experiência multidisciplinar que envolve a participação em jogos, brincadeiras, dinâmicas em grupo; conhecimentos em atuação cênica (expressão corporal, expressão vocal, criação de personagens, improvisação); em dramaturgia; em visualidades da cena (cenário, iluminação, figurino, maquiagem), em cenotécnica; em musicalidades (ritmos, canto, sonoplastia, trilhas sonoras), dentre outros.

Na experiência como docente do IFTO, tive o prazer de trabalhar com os alunos aspectos da dramaturgia nordestina, como, também, alguns autores e autoras referenciais de outros gêneros da literatura brasileira, e isso possibilitou encontros infindáveis com a professora de Língua Portuguesa da instituição. Devido ao trabalho, nos deleitamos em outras áreas de conhecimento, como a História, para compreender o tempo e as escrituras da época, ou seja, o que aconteceu naquele período, em especial na região Norte-Nordeste, para que os(as) autores(as) tivessem escrito determinadas peças da literatura dramática; a Geografia, da qual partimos para estudos territoriais na intenção de compreender a região em si e seus aspectos culturais; como também a Antropologia, nos dedicando aos modos de vida, aos relacionamentos e à convivência humana. Em suma, nos aproximamos não apenas dos saberes culturais populares que podem circundar a Arte, mas também dos chamados saberes eruditos.

Para que os processos de ensino e de aprendizagem em Artes ocorressem no contexto escolar do IFTO, fez-se necessário organizar aulas compreendendo a realidade local, tendo em vista que o instituto era situado no Norte do país. Para tanto, tomei como base o sistema codificado pelo teatrólogo brasileiro Augusto Boal (1931 – 2009), mais precisamente técnicas do Teatro do Oprimido. Fizemos uso do Teatro-Jornal, sendo um dos experimentos articulados por Boal, junto



ao Teatro de Arena, no fim dos anos de 1960 e início de 1970. Ele utilizou o sistema para combater a opressão e a censura que o Brasil estava atravessando na época, imposta pelo regime militar. Ao praticar tais ações estético-político-pedagógicas, o objetivo principal do encenador era estabelecer um fluxo de comunicação com o espectador (ativo no processo), sobretudo acerca do histórico opressivo do país e a ditadura que estavam coletivamente enfrentando, o que causava uma mobilização permanente.

No caso da utilização de elementos desse sistema em salas do IFTO, tive como retorno reflexivo alguns relatos passados para mim por colegas de trabalho e, mesmo, por alguns estudantes. Observei que o trabalho com aspectos da Poética do Oprimido, de Boal, permitiu que os educandos refletissem inicialmente sobre eles próprios, ou seja, suas condutas, as quais envolviam, por exemplo, as práticas do *bullying* contra a figura de alguém.

A partir dos jogos teatrais e do Teatro-Jornal, foi possível observar também que parte dos alunos presentes nas turmas conseguiram formar pensamentos críticos sobre temas como violência doméstica contra mulheres, desmatamento, racismo, xenofobia, homofobia, dentre outros. Posso dizer que o ensino de Artes não só abriu caminhos infindáveis para a ampliação da consciência corporal, da noção de pertencimento social e cultural dos estudantes, como também colaborou com a organização de pensamentos cognitivos multi/interdisciplinares.

Neste ensaio, o objetivo principal é lançar mão da experiência docente com base no ensino de Artes no contexto escolar federal, e de como esse processo de ensino/aprendizagem contribuiu para uma formação integral e humanizada dos alunos, tendo em vista seus ritos de iniciação no mundo enquanto sujeitos. Observar como o ensino de Artes, partindo da perspectiva da encenação teatral, possibilita encontros com um mundo diverso e cheio de descobertas, ao passo que favorece o encontro com suas próprias identidades. Adiante, nos aprofundaremos nas experiências do Teatro-Jornal e nos processos de encenação artística, a fim de desvelar os métodos e técnicas utilizadas por mim enquanto docente de Artes, ocorridas no chão da Escola formal.



DESENVOLVIMENTO – JOGO TEATRAL E A CONSTRUÇÃO DE ESPETÁCULOS

A construção das nossas identidades sociais é processual, principalmente quando estamos na fase da adolescência, período em que a quantidade de informações disponibilizadas interferem e influenciam na formação do pensamento e do próprio ser. As experiências no contexto social, incluindo a escola, contribuem diretamente nessa formação.

Ao chegar no IFTO, recebi algumas informações de professores acerca de situações de *bullying* no contexto escolar e, por incrível que pareça, os alunos achavam natural “brincar” desse modo, deixando outros alunos constrangidos. Pensei que, para podermos dialogar sobre tais práticas, tínhamos que propor um Teatro Político, que causasse *estranhamentos* cênicos e reflexões críticas. E foi assim que pensei no legado de Augusto Boal, e resolvi aproximá-los, especificamente, da prática do Teatro-Jornal.

Antes de discorrer acerca de procedimentos metodológicos, aponto que comungo do pensamento de Pereira (2018), no que diz respeito às trocas de saberes.

No tocante às Artes, parece-nos ainda mais necessário esse contato com os cidadãos (crianças, adolescentes e adultos) que, muitas vezes, encontram-se marginalizados do conhecimento e das práticas artístico-culturais. Se almejamos ser professores de Teatro e artistas comprometidos com o desenvolvimento humano e formação estética dos educandos, é necessário romper as barreiras que afastam a academia da realidade (Pereira, 2018, p. 107).



Não só a informação, mas também a formação é essencial, e o Teatro-Jornal, método que foi utilizado em sala de aula para dar seguimento aos jogos interacionais, consiste basicamente em dramatizar notícias de jornal e/ou qualquer outro material informativo (Boal, 1977), com intenção de trazer situações para o corpo cênico e possibilitar que a plateia possa refletir sobre a própria realidade. Trata-se de uma ação artística e política. Desse modo, ao selecionar os temas, esquematizei sorteios a fim de que, por vontade própria, os alunos fossem à frente para retirar um papel e corporificar de forma improvisada a temática. Contudo, nessa dinâmica havia duas regras básicas: convidar um outro colega para fazer a *instauração* do tema e assim erguer uma *problemática* com base nos dados objetivos compartilhados, isso sem falar diretamente para a turma qual a temática que havia sido sorteada. Após dois minutos de improvisação, a cena era pausada, e a dupla escolhia um outro colega para levar para a cena uma *solução*, de preferência alguém que já tivesse compreendido o tema, e cuja intenção fosse tentar resolver aquele “problema” que fora instaurado.

Posso adiantar que violência doméstica contra mulheres, maus-tratos aos animais e racismo foram os temas mais sorteados pelas turmas, e os que os alunos mais buscaram “solucionar”, sempre sugerindo, em cena, interferências voltadas à conscientização com base em ações políticas e debate coletivo, partindo da responsabilização do poder público e/ou de instâncias maiores, como a direção escolar.

Relatos como: “professor, esse tema é bem complexo, pois já presenciei situações como essa...”; ou, ainda, declarações como: “gostaria de não ter me deparado com esse tema” foram bastante frequentes. Ao ouvir isto, pausávamos a cena e refletíamos coletivamente acerca do jogo teatral, suas ações físicas e seu tema, das sensações de desconforto, enfatizando a importância de se discutir sobre as situações da vida. E a discussão era feita sem impor juízos de valor ou mesmo a minha opinião, pois estava ciente de que a Educação e o diálogo transformam!

Vale dizer que as turmas que trabalharam com o método concebido e difundido por Boal, partindo dos temas sociais, foram do 1º ano do Ensino Médio, cada grupo composto por entre 20 e 40 estudantes, na faixa etária entre 14 e 17 anos de idade.

O teatro possibilitou que refletíssemos, em coletivo, após as vivências criativas. Questões como fanatismo religioso, violência contra corpos de mulheres, maus-tratos aos animais, xenofobia,



homofobia e racismo foram detectadas também no interior da instituição escolar, já que professores e mesmo estudantes afirmaram que essas questões estiveram presentes na escola e/ou foram experienciadas por eles em ambientes externos à instituição.

Esse jogo, no entanto, fez com que os alunos não enxergassem apenas a si, mas sobretudo a seus familiares, principalmente as mulheres que, segundo alguns deles/delas, já sofreram situações de violência em seu lar e/ou em outros espaços da sociedade. Se pararmos para refletir sobre as violências contra corpos femininos, chegaremos rapidamente à conclusão de que esses corpos são alvo de ataques constantes. Assim, debatemos sobre esses temas, versando também sobre a importância das denúncias.

Por meio do Teatro-Jornal, os alunos sentiram que, através do ensino de Artes, seus processos, exercícios jogos e dinâmicas, era possível se “reeducar” e mesmo comunicar questões/soluções sobre temas extremamente relevantes, como o caso da violência contra mulheres, que muitas vezes são difíceis de serem expressadas e/ou debatidas oralmente dentro do lar ou mesmo na escola, devido ao fato de o patriarcado ser tão presente no Brasil da atualidade, que ainda reflete a lógica colonial.

Vale dizer que, no estado do Tocantins, mais precisamente nas cidades de Formoso do Araguaia e Gurupi, localizadas no interior, o número de igrejas evangélicas é grande, e isso faz com que o protestantismo predomine nos lares e, dessa maneira, tal perspectiva religiosa acaba por moldar determinados pensamentos dos alunos e de seus familiares, por exemplo a crença de que “as mulheres nasceram para casar e servir ao cônjuge”.

Trabalhar essas temáticas em sala de aula fez com que os alunos aguçassem seu senso crítico-reflexivo acerca de técnicas de poder, de humilhação e de manipulação. Como eram temas diversos e todos os alunos queriam participar, ficamos cerca de 3 encontros com foco no Teatro-Jornal – entre teorias e aspectos da vida/obra do autor, Boal, e práticas corporais; findando sempre os encontros com rodas de conversa acerca dos temas que foram sorteados naquele dia, sendo que em média fazíamos 4 sorteios por encontro, com a duração de 60 minutos cada aula.

Os jogos teatrais, também utilizados com o intuito de promover a interação entre os alunos, fizeram com que os laços de convivência ficassem ainda mais estreitos e gerassem uma atmosfera de confiança, e isso fortaleceu as relações interpessoais para as atividades de encenação posteriores.

Nossas vivências em coletivo se fortaleceram justamente nessas práticas, realizadas a partir das técnicas e princípios de Boal. Mas como estávamos chegando ao fim do período letivo do ano de 2023, resolvi focar na encenação, considerando que os jogos teatrais funcionaram também como aquecimento para esta próxima etapa.

Eu, enquanto teatrólogo e professor, sugeri, nessa nova etapa, algumas obras de autores e autoras para que as turmas escolhessem quais seriam encenadas, tendo como critério que as peças tivessem relação direta com temas sociais levantados no processo formativo descrito. Dentre o leque de possibilidades, acabaram por escolher Ariano Suassuna (1927 – 2014), com os textos *Auto da Compadecida* (1955) e *O Santo e a Porca* (1957).

Suassuna, através de suas obras, abarca inúmeras questões sociais, abordando com muito humor a religiosidade, a avareza, a violência, a fome, a inteligência, a espreiteza e o ato de “enganar” para sobreviver em contextos áridos. Isso fez com que os alunos quisessem não apenas problematizar os temas em cena, mas também provocar o público/espectador a poder refletir e se divertir.

IMAGEM 1

Ensaio inicial: *O Auto da Compadecida*. Local: IFTO, Agosto de 2023. Fotografia: João Vítor Mulato



Ao longo de três meses, entre outubro e dezembro, os alunos das turmas do 1º ano do Ensino Médio se dedicaram à encenação, sob minha condução/observação. Assim, busquei dividir entre os participantes da experiência as funções presentes na lógica da produção teatral. Essa decisão foi de suma relevância, uma vez que nem todos os alunos tinham o desejo de estar em cena e o exercício de experienciar essas funções promoveria o diálogo com outros saberes.

Então, trabalhamos como atores/atrizes, diretores, figurinistas, maquiadores, cenógrafos, iluminadores, sonoplastas, *videomakers*. Como as turmas eram consideradas grandes, subdividir os grupos em funções relacionadas aos processos de encenação fez com que cada equipe se dedicasse à realização de partes que integraram a experimentação; isso também se deu para que a encenação acontecesse efetivamente de forma colaborativa, como havia planejado anteriormente.

IMAGEM 2

Ensaio inicial: *O santo e a porca*. Local: IFTO, Agosto de 2023.
Fotografia: João Vítor Mulato

Ao passo que os alunos iam conhecendo os textos e identificavam as problemáticas que haviam discutido anteriormente, parávamos para voltar a debater. E foi nesse traçado que ficou evidenciado o quanto Suassuna inseriu temas sociais em sua dramaturgia, a fim de fazer os espectadores pensarem criticamente. Tomemos como exemplo a questão racial presente na obra *Auto da Compadecida*, expressa quando a personagem de João Grilo encontra o Jesus Negro; e a avareza que serpenteia todo o texto d'*O Santo e a Porca*. Cenas como essas podem causar estranhamento e gerar reflexões.

Outro fator significativo, e que faz parte dessa criação artística, é que não há como negar que, ao trazer para o corpo, ou seja, ao fisicalizar uma personagem com características próprias do ser/atuante,





compondo seus modos de falar – digo, o sotaque – e agir, conforme este compreende a personagem, os alunos acabaram por desvelar camadas internas do processo de interpretação teatral.

Vale dizer que essa metodologia não visa deixar o processo solto, mas, sim, confiar na criatividade dos próprios atuantes/educandos. Dessa forma, a experiência artística em questão, independentemente de estar relacionada a um texto dramático conhecido, a um autor renomado e que já foi encenado diversas vezes pelo Brasil, possibilitou dar visibilidade à singularidade desse intérprete-criador. Em resumo, o comportamento, os gestos, as ações físicas, a expressão vocal e a movimentação do atuante pelo espaço cênico, no palco, ficaram a cargo da composição do próprio estudante, que desempenhava a função de ator/atriz. Embora este/a pudesse contar com o apoio e a orientação da direção, que também teve uma participação importante ao longo do processo aqui relatado.

Nesse sentido, o processo criativo dos estudantes que desempenharam as demais funções relacionadas à encenação, tais como figurinista, maquiador, cenógrafo, iluminador, sonoplasta, *videomaker*, foi alinhado artisticamente com o trabalho desenvolvido pelos estudantes que desempenharam a função de atores e atrizes. Conforme íamos passando as cenas, nos reuníamos para discutir acerca desses outros elementos que compõem o espetáculo.

Ao fim do processo, as turmas puderam experienciar a construção de um espetáculo teatral no contexto escolar, e refletir sobre as questões sociais que abarcavam a obra. O trabalho artístico em coletivo possibilitou encontros entre alunos que, por vezes, pouco se relacionavam – mesmo convivendo diariamente na mesma sala de aula.

De fato, através das aulas de Artes, dos jogos teatrais desenvolvidos em sala, do processo de construção da encenação, afinamos os laços entre os participantes, buscando que refletissem sobre sua entrega e envolvimento na experiência. E, dessa maneira, destravamos as rodas do imaginário, da criatividade e do espírito coletivo. Importante registrar que as apresentações das encenações aconteceram no mês de dezembro de 2023, em comemoração ao Mês da Consciência Negra⁸.

8 Articulação realizada pelo projeto NEABI, presente no IFTO, que visa reconhecer e valorizar as identidades afro-indígenas brasileiras, cujo projeto de pesquisa e extensão esteve sob regência da professora Rosângela Lopes.



IMAGEM 3 e IMAGEM 4

Ensaio geral: *O Santo e a Porca*. Local: IFTO, novembro de 2023. Fotografia: João Vítor Mulato.



IMAGEM 5 e IMAGEM 6

Ensaio geral: *O Auto da Compadecida*. Local: IFTO, novembro de 2023. Fotografia: João Vítor Mulato.





CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como professor de Artes da educação formal, tenho colocado em prática uma perspectiva que aprendi quando estudante do curso de Licenciatura em Teatro na UFRN, particularmente na experiência como bolsista no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência PIBID-Teatro, financiado pela Capes/MEC, ao qual estive vinculado por longos quatro anos. Nesse contexto, aprendi muito com o professor Leandro Cavalcante, da Secretaria Municipal de Educação do RN, acerca da importância da integração das turmas para que a experiência se realize em plenitude.

Para uma verdadeira integração, faz-se necessário levar em consideração as diferenças individuais, as vivências e os conhecimentos prévios dos educandos. Considero que somente a experiência artística colaborativa faz com que possam se integrar e que, de fato, possam se reconhecer e se respeitar mutuamente. Para tanto, tenho me dedicado a colocar em ação na sala de aula a lógica do Teatro Colaborativo, ou seja, processos criativos feitos por várias mãos. Acerca do Teatro Colaborativo, exponho a perspectiva adotada na experiência relatada, a partir do teórico Antônio Araújo:

Tal dinâmica se fôssemos defini-la sucintamente, constitui-se numa metodologia de criação em que todos os integrantes, a partir de suas funções artísticas específicas, têm igual espaço propositivo, trabalhando sem hierarquias – ou com hierarquias móveis, a depender do momento do processo – e produzindo uma obra cuja autoria é compartilhada por todos (Araújo, 2002, p. 127).

No caso apresentado, em que foram realizados dois processos artísticos, baseados em textos do dramaturgo Ariano Suassuna, foi relevante dividir as turmas em subgrupos voltados a desempenhar funções relacionadas à lógica de produção do teatro; isso foi essencial para que os processos criativos efetivamente acontecessem, e eles pudessem perceber a importância uns dos outros – ao longo dos encontros, ensaios e reuniões.



A proposta consistia em fazer Teatro na Escola, de forma colaborativa, de maneira que os estudantes pudessem se dedicar a todas as funções correlacionadas ao processo de realização da Encenação Teatral, observando seus desejos e preferências, para que percebessem as parcerias e os *diálogos* entre saberes distintos – que podem se estabelecer ao longo do trabalho artístico.

Nesse sentido, antes mesmo de dividir o grupo tendo como critério a atribuição de funções a serem desempenhadas ao longo do processo, nos dedicamos a expor teorias e técnicas de cada função. No caso da dramaturgia, observamos autores, vida e obra, discorrendo sobre a iluminação teatral, a fim de que os educandos compreendessem e se valessem dos recursos necessários e disponíveis na instituição para a realização da experiência visual. Quanto à cenografia, levamos em conta a obra escolhida pela própria turma para a realização da encenação, questionando como poderíamos organizar o espaço cênico. Para definir figurino e maquiagem, nos reunimos a fim de descobrir como iríamos improvisar com as peças de roupa e material que o grupo pôde reunir. Lançamos mão de fotografias e contamos com um *videomaker*, para que ajudasse na comunicação da proposta estética. Por fim, trabalhamos na sonoplastia e na musicalização.

Os elementos artísticos que compunham os espetáculos abriram caminhos para que os alunos pudessem experimentar, através da arte, funções nunca vivenciadas. Considero que esse trabalho fez com que aqueles estudantes, que estavam por trás das cortinas, pudessem ser reconhecidos pelo grupo também como artistas e/ou fazedores de arte, uma vez que sabemos que existe uma “supervalorização do trabalho do ator e diretor em relação a outras atividades que compõem o universo de um fazer teatral” (Araújo, 2005, p. 25).

Por fim, aponto que esse trabalho de encenação, que foi precedido por princípios e práticas da Poética do Oprimido de Augusto Boal, desenvolvido no contexto escolar, possibilitou que as turmas experienciassem o Teatro na Escola, avistando no horizonte a sua própria criatividade ao entrar em cena. E o objetivo do presente ensaio foi atingido ao compartilhar com outros arte/educadores a vivência docente com Teatro/Educação em uma Escola da Rede Federal.

Considera-se de suma relevância que o teatro, a dança, a música, a literatura e as artes visuais estejam nas escolas, de modo obrigatório, para fazer com que reflitamos sobre a nossa existência humana, num jogo constante entre arte e vida.



REFERÊNCIAS

- » ARAÚJO, Antônio. **A gênese da Vertigem**: O processo de criação de “O Paraíso Perdido”: O processo colaborativo no teatro da vertigem. São Paulo: USP, 2002.
- » ARAÚJO, José Sávio Oliveira. **A cena ensina**: uma proposta pedagógica para formação de professores de teatro. 177 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Centro de Ciências Sociais Aplicadas – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2005.
- » BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas**. 2º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- » BOAL, Augusto. *In*: GARCIA, Silvana. **Odisséia do Teatro Brasileiro**. São Paulo: SENAC, 2002.
- » LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- » PEREIRA, D. de M. **Para além dos arcos**: grupo de estudos sobre teatro e infâncias – uma experiência de ensino, pesquisa e extensão. Olhares e Trilhas, Universidade Federal de Uberlândia, v. 20, n. 2, p. 94-108. Uberlândia: EDUFU, 2018.
- » SUASSUNA, Ariano. **Auto da compadecida**. Rio de Janeiro: Agir, 1955.
- » SUASSUNA, Ariano. **O santo e a porca**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.